

**A Ucronia Barrosiana: espaço de experiência e horizonte de expectativa no conto
“O ÔSSO DO PRESUNTO” (1920).**

Elynaldo Gonçalves Dantas

Doutorando em História Social pela
Universidade Federal do Ceará.

elynaldohis@gmail.com

Introdução

Gustavo Adolfo Luíz Guilherme Dodt da Cunha Barroso nasceu na cidade de Fortaleza, Ceará, no dia 29 de dezembro de 1888, filho de Antônio Filinto Barroso, pertencente a uma tradicional família rural cearense em declínio econômico, e de Ana Dodt Barroso, descendente de imigrante alemão. No ano de 1910, Barroso passa a residir na capital do país, Rio de Janeiro, onde conclui seu curso de Direito em 1912, em concomitância à sua atividade de escritor e redator de jornais e revistas como *A Careta*, *Tico-Tico*, *Fon-Fon* e *Jornal do Comércio*, mesmo ano em que publica seu primeiro e renomado livro, *Terra de Sol*. No ano de 1914, Gustavo Barroso retorna ao estado do Ceará para assumir o cargo de secretário do Interior e da Justiça do governo do seu primo Liberato Barroso. Sendo eleito Deputado Federal pelo Ceará na legenda do Partido Republicano Conservador, seu mandato (1915-1918) é marcado por discursos e propostas contra a seca, pelo seu projeto de lei contra a entrada no Brasil de pessoas consideradas indesejadas, pela busca de reviver tradições militares e por seu ingresso na comissão de Marinha e Guerra.

Gustavo Barroso vivenciou e registrou como poucos o primeiro período republicano do país (1889-1930)¹. Por meio de seus livros, contos, crônicas, romances, ensaios e de sua atuação como Deputado Federal, Barroso buscou descrever, interpretar

¹ À luz do entendimento de Nicolau Sevcenko atentamos, como premissa fundamental, para a compreensão do primeiro período republicano no Brasil (1889-1930), que a dinâmica da nova ordem, a ânsia do progresso, suscitou a hegemonia de discursos técnicos dispostos a fazer valer, a qualquer custo, a modernização do país. Espelhando-se nos padrões europeus, mudando a cara de grandes e pequenas cidades brasileiras com a tentativa de imposição de novos hábitos e costumes, trouxe mudanças que atingiam todos os níveis da experiência social, alterando hierarquias sociais, convicções, valores, percepções de tempo e espaço, formas de ser e estar no mundo (SEVCENKO, 1998: 7- 48).

e ordenar as mudanças históricas que vivenciava, tendo sua escrita um papel estratégico para a compreensão das tensões e dinâmicas do seu tempo. São textos que registram a mudança de uma antiga sociedade rural baseada na pessoalidade, no paternalismo e na inviolabilidade senhorial, para uma sociedade urbana, atravessada pelo anonimato do capital, pela invasão dos agentes do Estado e pela quebra de hierarquias sociais.

Em 1920 Gustavo Barroso publica o livro *A Ronda dos Séculos* (1920), escrito durante o seu mandato como deputado². Livro que reúne uma série de contos no qual Gustavo Barroso tem como sua matéria prima o tempo e o espaço. Tempo e espaços construídos por sua narrativa e pelos quais Barroso passeia e monta guarda numa vigília que traça uma história linear da humanidade percorrida desde o que ficou conhecido por Pré-história, passando pela antiguidade, Idade Média, era Moderna, pelo seu presente nos primeiros anos do século XX, até chegar num futuro prometido pelo discurso do progresso. E é sobre esse conto específico que traça uma expectativa de futuro, intitulado *O ÔSSO DO PRESUNTO*, que iremos nos ater neste texto.

Nesse sentido, nosso esforço que passa pela relação entre história e literatura buscará responder a questões como: (i) Qual o contexto de produção do referido conto? (ii) Qual a relação entre experiência e expectativa na visão de mundo barrosiana? (iii) Qual espaço-tempo sua narrativa projeta?

Nesta empreitada que visa analisar como Barroso, por meio da literatura, vivenciou e registrou a temporalidade moderna nosso principal referencial teórico é o articulado por Reinhart Koselleck em seus livros *Futuro Passado - contribuição à semântica dos tempos históricos* (2006) e *Estratos do tempo: estudos sobre história* (2014). A partir desse aporte é que retiraremos insumos para entender a nova dinâmica temporal advinda com a temporalidade moderna caracterizada sobretudo pela aceleração, ânsia de progresso e pelo tempo tripartido.

Destarte, entendemos que ao apontar o tempo como uma construção demasiada humana podemos contribuir para a desnaturalização desse conceito. Entender o tempo não como um já dado, mas como produzido, a partir de um determinado *lugar social*³ e

² Embora publicado apenas em 1920, o livro é iniciado durante o seu mandato como Deputado Federal, como dito por ele próprio no referido livro e terminado em dezembro de 1918. (BARROSO, 1920: 349).

³ Entendemos o pensamento de Barroso como sendo fruto de operações, como prática que liga a ideia ao lugar de escrita segundo regras historicamente definidas. Quanto ao conceito de *lugar social*, ver: (CERTEAU, 2002).

de uma determinada demanda, é estarmos atentos para possibilidade de *tempos outros* que não o tempo de uma sociedade movida pelo capitalismo e sua sede de progresso que atropela a tudo e a todos.

A Ucronia Barrosiana

O conto *O OSSO DO PRESUNTO* está inserido na última parte do livro *A Ronda dos Séculos* que tem como título “a última guerra?”. A narrativa nos fala do encontro entre os dois amigos João Mattoso, “bacharel” e “literato” e o engenheiro e Antonio Mendes, numa Rio de Janeiro futurística em que voos internacionais, carros elétricos, telefones sem fio marcam a paisagem da cidade (BARROSO, 1920: 341-343). Desta forma sua narrativa está inserida no gênero literário conhecido por utopia⁴, ou melhor, por ucronia⁵.

Partimos dessa digressão para problematizar os seguintes pontos: quais os sentidos da ucronia barrosiana? Qual a relação entre experiência e expectativa na visão de mundo de Gustavo Barroso? A que(m) serve essa representação espaço-temporal?

Começamos respondendo pelo fim, a que(m) serve a representação do espaço-tempo projetada na narrativa barrosiana?

Entendemos seu conto como um registro da forma que Barroso experienciava o mundo à sua volta, sendo fruto de um dado momento histórico e inserido com as demandas de um determinado *campo* social⁶. Inserido no turbilhão de mudanças advindas com a modernidade, Barroso fez de sua literatura uma missão contra a fragmentação de antigos paradigmas baseados numa sociedade rural, estamental e patriarcal, na

⁴ A etimologia da palavra utopia deriva do grego “*ou*” que significa “não”, e “*topos*” que significa “lugar”, logo utopia seria um não-lugar, um lugar não existente. O termo utopia aparece pela primeira vez no livro homônimo de Thomas More em 1516, no qual é descrita uma ilha fictícia onde prevalece a ordem e a moralidade entre os homens. Sobre o paradigma utópico, ver: (BACZKO, 1985: 346-396).

⁵ Segundo Bronislaw Baczko, na segunda metade do século XVIII, abandona-se os paradigmas do discurso utópico reinante até então - a utopia narrativa e o projeto de legislação ideal enquanto constituição modelar para uma sociedade abstrata, tal como formulada por More. Tal mutação vai de par com outra. O algures social deixa de estar associado só à uma espacialidade, e passa a ter no tempo imaginário lugar do investimento máximo da utopia, dessa forma ao invés de uma u-topia passamos a ter uma u-ronia. U-ronia que derivada do grego temos um “não-tempo”. (BACZKO, 1985: 364-365).

⁶ Seguimos em nossa dissertação com a noção de campo proposta por Pierre Bourdieu, que nos lança subsídios para que possamos compreender os campos como espaços sociais com suas próprias regras, princípios e hierarquia, com delimitações definidas a partir não só dos acordos e consensos, mas também a partir dos conflitos, tensões e dinâmicas. Campos que devem ser entendidos enquanto estruturas estruturantes, espaços determinados e determinantes, que se relacionam no conjunto social com outros campos, originando espaços sociais mais abrangentes, influenciados e influenciadores. Para mais detalhamento sobre o conceito de campo, ver: (BOURDIEU, 2011).

peçoalidade, afeita em muito ao espírito do antigo regime servil⁷. Perder o controle desse mundo no qual fora educado, alimentou receios, medos e frustrações. Perder a certeza de um tempo em muito idealizado em que cada classe social saberia seu lugar na sociedade e assim vivia harmoniosamente e em que as mudanças só ocorriam na longa duração era sentido como catastrófico. O tempo para Barroso estava fora de ordem, e ele teria se imposto a tarefa de ordená-lo.

Nos primeiros anos do século XX, a sociedade brasileira vivenciava uma sobreposição conflituosa de temporalidades, o Brasil transitava da antiga ordem temporal para o tempo do progresso e da modernidade com sua radical aceleração e tripartição do tempo em passado, presente e futuro. Um tempo em que se criava um abismo temporal entre passado e futuro, entre experiência e expectativa, o que tornava o presente de Barroso algo caótico. Em meio a essa tensão entre o seu *espaço de experiência* e o seu *horizonte de expectativa* Barroso fabrica, por meio da narrativa, sua própria temporalidade – a temporalidade barrosiana – visando reorientar o sentimento de que o tempo lhe escapava. E é sobre essa tensão temporal que fala o conto futurístico *O ÔSSO DO PRESUNTO* que agora iremos perscrutar mais a fundo.

A ucronia barrosiana começa com a chegada de João Mattoso à cidade do Rio de Janeiro desembarcando na estação internacional aérea, onde seu amigo Antonio Mendes o esperava, Mendes o conduz, em seu carro elétrico, sem trocarem uma palavra durante o trajeto à sua enorme residência, um casario em que moravam cinco milhões de habitantes (BARROSO, 1920: 341). Apenas em casa os dois conversam e Mattoso relata sua viagem:

“– Almocei ante ontem em Nova York, com o Costes, liquidando o negocio da companhia de iluminação publica de Goyaz, o ultimo que faltava liquidar. A viagem foi sem incidentes. Esses aeroplanos fabricados no Rio são já excellentes, igualam aos estrangeiros. Cruzamos na altura da Guyana a aeronave da carreira do Canadá e vimos de Pernambuco á Bahia uns dois aviões brasileiros de cabotagem” (BARROSO, 1920: 341-342).

O futuro do progresso anunciado por Barroso fala de uma aceleração possibilitada pelas inovações técnicas, por exemplo o carro elétrico e com mais destaque o avião, inovações essas que permitiram ultrapassar as barreiras naturais dando a sensação de

⁷ Sobre o papel das elites na formação do Brasil, ver: (PRADO JUNIOR, 1994: 212-215).

encolhimento do espaço. Num curto ‘espaço de tempo’ Mattoso cruza uma vastidão geográfica, de Nova York ao Rio de Janeiro, que antes levaria dias ou meses. Tudo mudou mais rápido do que se podia esperar ou do que havia sido experienciado pelas gerações anteriores.

Na temporalidade moderna que autor relata o tempo é experienciado de forma fugaz, o próprio espaço se torna fugaz. No trajeto aéreo de Mattoso não há relatos de relações entre pessoas, tudo passa rapidamente, única coisa que se contempla são mais sinais de progresso: mais e mais aviões que cruzam os ares. Até mesmo no trajeto para casa, com Mendes em seu carro elétrico, não há diálogo “não trocam uma palavra” (BARROSO, 1920: 341). A aceleração não alterou apenas as relações com a tecnologia, alterou a forma de viver o espaço e de se relacionar com as pessoas. No conto barrosiano apenas no repouso há espaço/tempo para a relação humana, representada no diálogo dos dois amigos.

O progresso que parece conquistar uma área após outra, onde, em relação com gerações anteriores, tudo muda mais rápido do que se poderia esperar (ou controlar), é o mesmo que constrói uma outra relação com a natureza. Nesse sentido vemos a escrita barrosiana como um registro dessas transformações, pois assim, na fala do personagem Mattoso, ele retrata a relação do mundo moderno com a natureza:

“[...] Há uma coisa, porém, com a qual não me posso habituar.”

– “Qual é?”

– “O mar.”

– “Porque?”

“Ó homem! sou um sujeito mais ou menos lido e dóe-me no coração vêr essa imensa planície líquida deserta, inteiramente deserta. Houve tempo em que as velas brancas dos navios e, depois, o penacho fumegantes dos paquetes perturbaram a sua solidão. Hoje, não ha um barco, não se avista um vulto. O mar foi abandonado! E eu não posso deixar de me entristecer, pensando nas navegações dos phenícios, nas sereias da Odyséa, nas façanhas marítimas dos portuguezes e mesmo naquelles crimes que, ainda não faz um século, praticaram os submarinos da Allemanha”. (BARROSO, 1920: 342-343).

A essa frase o personagem Mendes, que encarna o espírito do progresso, responde que o amigo está “como sempre, litterário” (BARROSO, 1920: 342). Dando a entender que devesse deixar para trás esse olhar saudoso, pois o passado significa atraso, para Mendes o amigo deveria olhar para as conquistas desse novo tempo que anunciava ainda mis esplendor. Barroso segue com sua narrativa:

Mattoso olhou a imensa cidade, que garimpava pelas costas das serras, enxotando as antigas vegetações luxuriantes, que os velhos livros tropicalmente descreviam. Aqui e ali, no ar macio da noite clara, roncava um avião urbano, trazendo passageiros de Iguassú e de Barra Mansa, levando gente para o Leblon e o Vidigal. Faulhavam no céu as luminárias eléctricas, as scintelhas dos telegraphos e telephones sem fio.” (BARROSO, 1920: 343).

O mar fora abandonado em nome do progresso, mar que antes servira de cenário para o desenrolar das ações humanas, entre elas Mattoso elenca algumas sociedades, como os: fenícios que por meio do comércio marítimo difundiu seu alfabeto por vastas regiões inclusive a Grécia, esta considerada por muitos como berço da civilização ocidental que nos legou entre tantas coisas a filosofia, a literatura (e um exemplar dessa literatura é a Odisseia evocada no conto barroso) e a ideia de democracia. Importante ressaltar que os atores privilegiados pela visada saudosa do personagem Mattoso são aqueles que representam uma história vista a partir de cima, dos grandes personagens e suas façanhas heroicas. Tudo isso num momento em que novos atores sociais começavam a lutar por mais espaço na vida brasileira⁸.

Outro povo evocado por Barroso, que por meio do uso do mar influenciou a história, foram os portugueses que na perspectiva barrosoiana eram vistos como descobridores. Inclusive, Barroso dedica uma parte do livro *A Ronda dos Séculos*, para falar da “era dos Descobrimentos”, essa parte do livro está dividida em dois contos, um intitulado *Anthrophagos*, que narra o sofrimento e a coragem dos portugueses ao se aventurarem pelos mares, e o segundo, *A Salomé do Sertão*, que narra a colonização do Brasil. Já que o tempo lhe escapava Barroso/Mattoso, busca em evidências de um dado passado, que deveria ser recuperado, reorientar sua temporalidade.

Voltemos ao lamento de Barroso, ou melhor de Mattoso. Segundo o historiador Durval Muniz o mundo moderno tem na cidade, no mundo urbano, seu *locus* privilegiado, essa espacialidade representa o domínio da técnica sobre a natureza, o triunfo da racionalidade, dessa forma a natureza é o *outro* da civilização e por isso é progressivamente expulsa do espaço urbano (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008: 56-57). O progresso era sentido por Mattoso como agente destruidor de antigas espacialidades. Onde antes havia natureza e “antigas vegetações luxuriantes”, agora só restava a cidade e os sinais do progresso. Progresso que era experienciado por meio dos sentidos: os olhos

⁸ Falaremos mais sobre esses novos atores sociais mais à frente.

que captavam a expulsão da natureza e as luzes das “luminarias electricas” da cidade, os ouvidos que identificavam o ronco do “avião urbano” a transportar passageiros.

O conto dessa forma está descrevendo profundas transformações espaciais vivenciadas por Gustavo Barroso e que são demonstradas pelo olhar particular do personagem Mattoso. Um olhar atento a cada detalhe do espaço que o cerca, espaço que fala de uma determinada temporalidade, espaço que tem o tempo dentro de si. Espaços que segundo o historiador Durval Muniz “guardam, materializam e falam do tempo, de um dado tempo e de um dado espaço” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008: 104). Espaços que não podem ser entendidos apenas por sua dimensão física, mas sim pelas relações humanas, vivências e experiências que ali se desenrolam, sentidos e projeções a eles atribuídos. Espaço que é a mistura inextricável entre natureza, sociedade e discurso (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008: 108).

Espaço que é apreendido por Mattoso através de seus sentidos que à primeira vista também parecem ser algo natural, mas, como nos lembra Durval Muniz, nossa sensibilidade é histórica, nossos sentidos, no caso da experiência do personagem Mattoso sua visão e sua audição e como veremos mais à frente seu paladar, nos falam também de uma determinada temporalidade. Nossos sentidos estão situados na encruzilhada entre natureza, sociedade e discurso, pois nossa sensibilidade e sentidos são forjados pela nossa condição de seres sociais e culturais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008: 113). Mattoso nesse sentido representa os valores e costumes de uma sociedade que se relacionava de outra forma com a natureza, que era mais afeita ao “fincar raízes na terra”, e a pessoalidade das relações sociais, sociedade rural pautada em valores tradicionais que via seus territórios de poder serem desafiados por uma nova ordem econômica-política-social-cultural que privilegiava o espaço urbano e via no mundo rural e na natureza a representação do atraso.

Barroso diagnóstica o presente a partir de sua representação de futuro construída narrativamente que traz consigo as angústias, medos e esperanças da época em que foi escrita, sendo assim, o autor não nos fala de um futuro qualquer, é futuro prometido pelo progresso. Como toda utopia futurística – ucronia – o conto de Barroso é fruto genuíno de sua criatividade e nos fala de um futuro que como tal não pode ser alcançado pela experiência, não pode ser examinado, necessitando assim da pressuposição de

continuidades temporais, pontos de contato não apenas com o fictício, mas com o empírico, confrontando assim o antigo com o que há de vir (KOSELLECK, 2014: 124-125). Nesse sentido que podemos entender a referência ao afundamento dos navios mercantes brasileiros por submarinos alemães⁹ citados anteriormente.

O personagem Mattoso deixa transparecer o estado de espírito de Gustavo Barroso que transforma seu *espaço de experiência*, “seu passado atual” (KOSELLECK, 2006: 309-310), em literatura. O tema militar era muito caro a Barroso, que se ocupou desse assunto em vários momentos da sua vida, lembremos que o ano de 1917 é bastante marcante para Barroso que ingressa na Comissão de Marinha e Guerra, e que passa a lutar enquanto Deputado, pelo resgate de uma suposta tradição militar do Brasil, que ele entendia estar se perdendo, resgate esse que seria materializado sobretudo a partir da criação, por meio do projeto de lei 71 de 1917, por ele elaborado, apelidado de “os Dragões da Independência” que teria a função de “reviver as tradições do Exército Nacional e a força que as mesmas representam como despertadoras de entusiasmo e de patriotismo” (BRASIL, 1917: 52).

Entendemos a passagem do lamento de Mattoso como uma tentativa de interpretar o momento histórico em que Barroso vivia. Para Barroso os crimes de guerra cometidos pela Alemanha só foram possíveis por causa do abandono das tradições militares brasileiras e a consequente incapacidade do país em proteger suas fronteiras. Tradições essas que representavam em grande parte a alma nacional, legadas do tempo do Brasil Império¹⁰ que na visada barrosiana estavam se perdendo e com elas se perdia também a nação brasileira entendida como uma essência, que ele via ameaçada por forças desagregadoras que parecem escapar do seu controle.

Narrativa que mais fala da fragilidade do seu próprio significante que vê os seus antigos territórios de poder se transformarem num espaço vazio de tradições que simbolizam a ruína de todo um sistema social em que ele fora criado e do qual pretendia ser porta-voz. Ou seja, por meio de sua literatura Barroso mobiliza ficção futurística com

⁹ Sobre a situação das Forças Armadas brasileiras e a entrada do Brasil na Primeira Guerra, ver: (MENDONÇA, 2008).

¹⁰ Barroso entendia que no Brasil Império era o período por excelência da nossa história principalmente pelos grandes feitos militares, em especial a Guerra do Paraguai. (CERQUEIRA, 2011: 14).

fatos históricos de forma a demarcar e legitimar sua atuação política do presente entendendo o passado como força motriz de sua experiência temporal.

Enquanto a população nas áreas rurais decrescia a população urbana aumentava vertiginosamente¹¹. Trazendo com isso remodelações e conflitos na sociedade brasileira. É essa a paisagem que Barroso descreve por meio do personagem Mattoso, que do “casario imenso” do amigo, onde “moravam cinco milhões de habitantes” (BARROSO, 1920: 341) ele enxerga uma “imensa” (BARROSO, 1920: 343) cidade, Rio de Janeiro, situada numa região que já não é mais o Brasil, mas a “capital dos Estados Unidos da América do Sul” (BARROSO, 1920: 342-343).

Defronte a imensidão de tantas transformações Barroso via o mundo em que fora criado desmoronar, a região que mais tarde viria a ser chamada de Nordeste¹², da qual Barroso é oriundo enquanto representante da decadente elite rural cearense, foi a que mais sofreu com essas transformações. A desmontagem da mão de obra servil baseada na economia do açúcar e do algodão e as grandes secas que castigavam a região¹³ fomentou seu despovoamento em detrimento dos estados cafeeiros e da busca por oportunidades nas pulsantes capitais brasileiras, mais especificamente São Paulo e Rio de Janeiro. Além da intensa migração para a Amazônia, por causa da “febre da borracha” (SCHWARCZ; STARLING, 2015: 326).

Dessa forma o “barro social” que o autor usa para moldar o personagem Mattoso é o mesmo do seu *lugar social*, filho de uma elite rural decadente que perdia sua centralidade político-econômica para outra área do país, o eixo sul-sudeste o que também solapava toda uma ordem de relações de controle social. Esse declínio levou muitos filhos

¹¹ Segundo dados trazidos por Schwarcz e Starling no primeiro decênio da República a população rural decresceu 2,2%, já na área urbana houve um aumento de 6,8% mostrando que o processo de urbanização viria para ficar alterando assim a feição do país. (SCHWARCZ; STARLING, 2015: 326).

¹² Sobre a emergência da região Nordeste, ver: (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009).

¹³ A temática da seca é um dos principais temas de Gustavo Barroso expresso tanto em sua literatura como em sua atuação enquanto deputado. Não pretendemos neste artigo adentrar nessa temática, apenas demarcaremos nosso posicionamento historiográfico sobre tal fenômeno que tem tanto base natural como base social. À luz do pensamento de Durval Muniz, entendemos que em fins do século XIX deu-se a invenção da seca como problema regional, justamente num momento em que a região Norte enfrentava uma aguda crise econômica com a queda dos preços da exportação do açúcar e do algodão, somando-se a evasão de mão-de-obra escrava. Essa grave crise levou a desestabilização de todo um *status quo*. Que vendo seus antigos territórios de poder ruírem encontraram no emprego público, e no desvio de recursos enviados para tentar resolver a questão da seca, uma garantia de subsistência. Sobre o discurso da seca e a indústria da seca, ver: (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008: 229-245).

dessa elite rural do Norte do país a migrarem para sede do poder central, Rio de Janeiro, caso de Gustavo Barroso, onde utilizariam do capital simbólico e cultural que ainda dispunham junto a importantes personalidades do Estado para garantirem não só condições materiais para sua produção intelectual, mas para própria sobrevivência (MICELI, 1979: p. 21).

É com pesar que, enquanto voava num “aeroplano particular de grande velocidade” (BARROSO, 1920: 344) com seu amigo Mendes que o pilotava, Mattoso interpreta essas transformações: “– A velha concepção das nações e das raças desapareceu. Hoje, o mundo não tem mais questões de limites ou de influencias” (BARROSO, 1920: 344). Frases essas que “perdiam-se uma a uma no ar, como folhas secas que o vento espalha” (BARROSO, 1920: 344), talvez devido “a violencia do vento e o monotono, ensurdecador ruido da machina” (BARROSO, 1920: 344), talvez porque Mendes estava muito concentrado pilotando o rápido avião, ou talvez porque no mundo da velocidade não exista espaço para o diálogo entre as pessoas, mas “Mendes não deu uma palavra” (BARROSO, 1920: 344). Enquanto Mattoso prosseguia sua arguição: “Os antigos países parece que não existem mais, são agora grande blocos Estados Unidos da America do Norte, do Sul, da Europa, Oceania, Asia e Africa. Somente o da Africa tinha farda e serviços militares” (BARROSO, 1920: 344).

As nações se perdiam frente à internacionalização, porque suas raízes, encontradas numa sociedade rural-senhorial, não eram mais respeitadas, o tempo que se acelerava sobre si próprio trazia transformações que não respeitavam as antigas fronteiras que demarcavam não apenas a geografia, mas também os corpos das pessoas. É a partir da tensão entre o que se foi e que há de vir, que Gustavo Barroso ressignifica, no presente de sua escrita, tanto o passado como o futuro. O personagem Mattoso lastima o fim de uma sociedade hierarquicamente dividida pela raça, a mestiçagem agora era a regra e nesse sentido podemos entender o personagem Mattoso enquanto metáfora de um pensamento expresso por vários intelectuais nacionais e viajantes europeus que enxergavam na mestiçagem o motivo do atraso do Brasil e a impossibilidade do país se constituir numa nação (SCHWARCZ, 1993: 13)

Segundo Lilia Schwarcz (1993: 19) na virada do século XIX para o XX a questão racial no Brasil era um argumento quase consensual. E é no momento de término da

escravidão e de fundação de um novo projeto político que as teorias raciais, o darwinismo social e o evolucionismo social, vão ganhar corpo no país sendo apresentadas enquanto modelos para justificar a substituição da mão-de-obra¹⁴ e a manutenção de uma rígida hierarquia social, estabelecendo critérios diferenciados de cidadania (SCHWARCZ, 1993: 18).

Voltemos ao conto. Os dois amigos seguem sua viagem de avião. Mattoso continua falando, dessa vez ele parece positivo com o progresso: “– Já faz tempo que houve a ultima guerra! E jamais haverá outra. A guerra é uma criação social infame. Entramos decididamente na era da paz universal.” (BARROSO, 1920: 344). Então ele tira do frigorífico um presunto e pão e faz um “sandwichs” “– Pela moda antiga e para desenfastiar o gosto das comidas chemicas de hoje”¹⁵. E Mendes, na hora de satisfazer a necessidade biológica de se alimentar, finalmente fala: “– Tens razão. Nunca mais á face da terra um homem brigará com outro homem.” (BARROSO, 1920: 345). Meia hora depois o avião cai no mar por causa de intemperes naturais. Os dois amigos então conseguem nadar até uma ilha deserta e abandonada pois “A conquista do ar trouxera o abandono do mar já conquistado.” (BARROSO, 1920: 345).

Por sorte chegaram na ilha os destroços do avião e com eles os restos dos suprimentos que estavam no frigorífico, isso lhes garantiu mais uma semana de alimentos naquela ilha esquecida em detrimento das novas tecnologias. No final restava apenas um pedaço de carne em volta do osso do presunto. Então não havia mais dois amigos, mas sim:

“duas fêras premidas pelo mesmo instinto bestial, primitivo, material, inludível e ao mesmo tempo sublime, porque elle, fez todo o progresso humano, o instinto da propria salvação, a fome” (BARROSO, 1920: 346).

¹⁴ Se como já dissemos o “branqueamento” da população a partir do incentivo à imigração europeia foi uma solução encontrada ela também traria inconvenientes como a resistência dos operários brasileiros às prerrogativas de uma classe há muito acostumada com uma ordem estamental em que as relações de trabalho escravo davam o tom. Pois junto com a grande onda imigratória vieram também o afluxo de ideais anarquistas e comunistas que inflamaram a nascente classe operária brasileira que passou a reagir às péssimas condições de trabalho que eles encontraram no Brasil. Entre as principais bandeiras desses novos atores sociais estava a luta por direitos laborais, como férias, salários dignos, jornada de trabalho diária de oito horas e proibição do trabalho infantil. Sobre as origens do movimento operário no Brasil, ver: (CARONE, 1979).

¹⁵ Notemos que as mudanças advindas com a modernidade alteraram também todos os níveis do cotidiano, inclusive os sentidos, nesse caso o paladar. (BARROSO, 1920: 345).

No fim do conto, depois de uma enorme briga pelo osso do presunto, Mendes ataca brutalmente Mattoso e consegue roer o osso (BARROSO, 1920: 347).

O futuro anunciado pelos entusiastas do progresso se mostrava uma falácia para Barroso. A força da natureza para nosso autor se sobressai à força da tecnologia. A influência da natureza triunfa até mesmo sobre as relações sociais. O verdadeiro progresso não se encontrava nas descobertas tecnológicas e nos novos costumes de então. O verdadeiro progresso era uma essência humana, que para o bem ou para o mal fez a humanidade se desenvolver: o instinto de salvação e a sobrevivência do mais forte, da raça mais forte, justamente aquela “velha concepção” de raça que estava desaparecendo segundo Barroso. A paz universal nunca seria possível já que o conflito humano é uma constante. A paz advinda pelo progresso tecnológico seria só mais uma etapa da humanidade e que trouxe consigo mais coisas negativas que positivas.

Dessa maneira o *espaço de experiência* de Barroso, o seu passado atual, repercute também em seu *horizonte de expectativa* que se realiza no hoje, futuro presente. Entre essas duas temporalidades – passado e futuro – se comprime o presente, momento fugidio de difícil captura, no qual se dá a tensão entre experiência e expectativa (KOSELLECK, 2006: 313). que reverbera em sua ação político/literária. Destarte, o mundo fora de ordem para Barroso era expresso por meio de sua literatura futurística de cunho negativo que visava restaurar a antiga temporalidade que encerrava em si passado, presente e futuro, garantia da manutenção da ordem e do *status quo* da há muito decadente aristocracia cearense do qual ele era herdeiro.

Considerações Finais

Debruçamo-nos nesse artigo na análise do conto *O ÔSSO DO PRESUNTO*, texto em que já não mais só o espaço, mas também o tempo se torna o lugar de investimento da utopia. Visamos dessa forma problematizar a experiência temporal barrosiana, investigando a forma pela qual em um determinado tempo presente, Gustavo Barroso entrelaça narrativamente a dimensão temporal do passado com a dimensão temporal do futuro constituindo uma ucronia que traz consigo as esperanças, angustias e temores da época em que foi escrita.

Como um “ucronocrata” Barroso sobrepõe estratos temporais afim de interpretar e dar sentido a mudança histórica por ele vivenciada. A consequência do vertiginoso processo de urbanização, industrialização e desenvolvimento tecnológico era por ele sentida de forma aflitiva. Não que seja um “tudo ou nada”, ruptura ou continuidade. O que parece preocupar Barroso é a aceleração dessas mudanças que solapavam de forma brusca toda uma dada ordem político-social.

O presente da escrita do conto barrosiano fala de seu estranhamento devido a dissociação com o passado entendido como repositório de certezas e garantias de manutenção de privilégios. O passado passava agora a ser visto pelo discurso do progresso como lugar de atraso. À luz do pensamento de Koselleck, entendemos que o progresso não é apenas uma forma de se mirar um futuro, ele é também uma forma de se experienciar o cotidiano (KOSELLECK, 2006: 69), dessa forma ele se faz um futuro presente nutrido de fontes como as novas relações sociais capitalistas, a prevalência da vida urbana, o desenvolvimento técnico, o aumento populacional, a transferência de poder de uma região para outra. Nesse sentido, para Barroso o que vinha com a modernidade era toda uma ruína de um antigo espaço/tempo de poder.

Dessa forma a ficção futurística barrosiana, que fala sobre um *horizonte de expectativa* prometido pelo progresso, e seus personagens que encarnam visões de mundo conflitantes metaforizando sentidos atribuídos ao prelúdio republicano, foi por nós encarada como um testemunho histórico que nos diz muito¹⁶ sobre seu momento de feitura: a sociedade brasileira dos primeiros anos do século XX.

Frente à sensibilidade temporal moderna que triunfava, Gustavo Barroso senhor do tempo, ucronocrata, não compartilha do otimismo prometido pelos, para ele a temporalidade moderna era o tempo da fugacidade, da desvalorização das tradições, das nações, da natureza, da própria vida humana. A Grande Guerra 1914-1918, marcava uma comprovação da falibilidade do discurso que valorava de maneira positiva o futuro. Há assim uma grande tensão na sensibilidade temporal barrosiana em choque com a temporalidade moderna, dessa forma ao mesmo tempo coexistiam vários projetos de brasis que pertenciam a épocas diferentes, e aquele defendido por nosso autor, aqui

¹⁶ E aqui vale lembrar segundo Bloch que até o mais claro e objetivo documento não fala senão quando se sabe interrogá-lo, pois é a pergunta que condiciona a análise. (BLOCH, 2001).

analisado, estava em desvantagem. Era preciso colocar o tempo em ordem, para assim ordenar o próprio mundo. É nesse sentido que no conto *O ÔSSO DO PRESUNTO*, Barroso afirma que a promessa do progresso é falha, pois a natureza é maior que tudo, ela é capaz de colocar por terra todas as descobertas tecnológicas com um só sopro. Mesmo que se apresente a possibilidade de um futuro progressivo de mais e mais descobertas e invenções, para Barroso o ser-humano tem uma essência, um já dado natural, que traz em seu âmago a luta pela sobrevivência da raça mais forte, e é nela que está a chave para o verdadeiro progresso.

Destarte acreditamos que refletir sobre a questão temporal expressa na obra barrosiana é um movimento historiográfico de três vias entrecruzadas. Uma dessas vias diz respeito a mostrar como por meio da literatura podemos pensar a experiência humana com o tempo. A outra via passa pela desnaturalização do próprio conceito de tempo, devolvendo sua historicidade, tratando o tempo também como obra-prima do nosso *métier*. E outra via que passa por não perder de vista a relação da história com o mundo contemporâneo em que experienciamos uma hiper-aceleração da ordem temporal promovida pelo capital e pelo fluxo de informações das novas mídias sociais (TURIN, 2017: 56-70).

Vivemos hoje a coexistência de temporalidades que se tencionam. Estão em pauta na ordem do dia projetos que já levaram a trágicos acontecimentos, por exemplo às duas Guerras Mundiais, as tragédias humanitárias dos imigrantes, e a ameaça de uma nova guerra nuclear, sabemos que o futuro prometido pelo progresso pode não ser tão bom assim. Também acreditamos que o discurso reacionário que vem ganhando força em todo mundo ocidental a partir do crescimento de uma extrema direita que diz defender supostas tradições, de um passado que não deve passar, traz embutido preconceitos sociais, étnicos, de gênero, em suma de exclusão do *outro*.

Estratos temporais que são do campo da tensão, do conflito, mas também do diálogo, dos acordos, como podemos observar no caso do golpe político-jurídico-midiático ocorrido no Brasil em 2016, que mesclando a “força do passado” numa referência por oras explícita e por oras implícita a modelos antigos de dominação, com a “força do futuro”, utilizando como mote uma suposta “ponte para o futuro”, um projeto que se propõe inovador, modernizador, mas que traz em si a opressão e a exclusão de

amplas camadas sociais em nome da legitimidade do tempo produtivo do capitalismo. O que se desenha assim é a promessa de um futuro que se faz cada vez mais presente no mundo da era digital e que já aparece desgastado por uma obsolescência programada não só dos aparatos tecnológicos, mas do próprio ser humano em sua pluralidade.

Dessa forma acreditamos que problematizar a encruzilhada entre História-Tempo-Literatura é sinalizarmos que nem tudo o é como um dado da natureza. Que existem formas outras de se experimentar o binômio tempo/espaço, apesar do tempo e do espaço que nos é imposto. Nos orientar dessa forma é estarmos abertos para a construção de uma sociedade diferente da que aí está.

Referências

Fontes:

Anais do Congresso Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917 (n. 33). Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD09JUN1917.pdf#page=>> Acesso em 03 de julho de 2018. p.43.

BARROSO, Gustavo. **A Ronda dos Séculos**. Rio de Janeiro: Livraria Editora de Leite Ribeiro & Maurillo, 1920.

Jornal, **Nexo Jornal**, 29, de setembro, 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/09/29/Por-que-a-extrema-direita-cresce-no-mundo-segundo-este-estudioso>>. Acesso em 02 de julho de 2018.

Jornal, **Globo**, 28, de junho, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/lula-tem-33-bolsonaro-15-marina-7-e-ciro-4-aponta-pesquisa-ibope.ghtml>>. Acesso em 02 de julho de 2018.

Livros e artigos de apoio:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional**. Recife: Bagaço. 2008.p. 56-57.

_____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 2009.

BACZKO, Bronislaw. **Utopia**. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985, v.5, pp. 346-396.

_____. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920 – 1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas/SP: papiros, 2011. 11ed.

CARONE, E. **Movimento operário no Brasil: 1877-1944**. São Paulo: DIFEL, 1979.

CERQUEIRA, Erika Moraes. **O passado que não deve passar**: História e Autobiografia em Gustavo Barroso. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DANTAS, E. G. **GUSTAVO BARROSO, O FÜHRER BRASILEIRO**: Nação e Identidade no discurso integralista barrosiano de 1933-1937. João Pessoa: Ideia, 2015.

HOBSBAWN, Eric J. **Nação e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

_____. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

MENDONÇA, Valterian Braga. **A experiência estratégica brasileira na Primeira Guerra Mundial 1914-1918**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: DIFEL, 1979.

MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. **No norte da saudade**: Esquecimento e Memória em Gustavo Barroso. 301 f. Tese (Doutorado) -, História Social do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, H. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870/1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. (Org.). **História da vida privada no Brasil-República**: da belle époque à era do rádio, v. 3, 7.reimp., São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 7- 48.

SIRINELLI, Jean- François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003.

TURIN, R. **A polifonia do tempo**: ficção, trauma e aceleração no Brasil contemporâneo. ARTCULTURA (UFU), v. 19, p. 56-70, 2017.